

Narrativas bíblicas na Literatura Guianense: uma análise de *Abel...* de Lyne-Marie Stanley

Kall Lyws Barroso Sales¹
Rosária Cristina Costa Ribeiro²

Resumo: A Bíblia, um dos mais disseminados livros do Ocidente, é fonte inesgotável de narrativas que dialogam com diversas tradições literárias. É o que podemos contemplar no romance de Lyne-Marie Stanley, *Abel...*, de 2006. Lyne-Marie é uma representante da literatura contemporânea da Guiana Francesa e nesse romance explora a relação fraterna entre Belphegor e Urbain. A narrativa é cercada de referências judaico-cristãs, em que todo núcleo familiar contribui para a criação de uma intriga que serve como ensejo para a abordagem da atual situação política da Guiana Francesa. A partir da reflexão sobre identidades fragmentadas (HALL, 2006) e sobre discurso e colonialismo (CÉSAIRE, 2010), em nossa metodologia, apresentamos uma análise na perspectiva de literatura comparada fundamentada na confrontação da narrativa romanesca de Stanley com a narrativa bíblica apresentada no ‘Livro do Gênesis’, capítulo 4. Assim, em nosso trabalho, sistematizamos as características encontradas na narrativa do primeiro fratricídio da humanidade, narrado na história dos filhos de Adão e Eva, Caim e Abel e as referências da tradição cristã. Dessa forma, nossas leituras e análises procuram destacar o paralelismo criado pelo romance, a partir da intertextualidade com a narrativa bíblica, em que as representações e relações entre Caim e Abel fazem um espelhamento das discussões entre emancipação e assimilação política, administrativa e cultural desse departamento francês tão distante e diverso do Hexágono.

1 Professor adjunto do curso de Letras-Francês da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (2018) e professor do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (2021) na mesma instituição. Editor da Revista Leitura do PPGLL e coordenador pedagógico da Casa de Cultura de Expressão Francesa e do Programa da Rede Andifes – Idioma sem Fronteiras – Francês. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (2014-2018), com bolsa PDSE na Université Bordeaux-Montaigne (2017).

2 Doutora em Estudos Literários, atualmente é docente do curso de Licenciatura em Letras-Francês na UFAL.

Palavras-chave: Literatura Guianense. Língua Francesa. Intertextualidade.

Résumé: La Bible, l'un des livres les plus répandus en Occident, est une source inépuisable de récits qui dialoguent avec diverses traditions littéraires. C'est ce que l'on peut contempler dans le roman *Abel...*, publié en 2006 par Lyne-Marie Stanley. Lyne-Marie, représentante de la littérature contemporaine de Guyane, explore dans ce roman la relation fraternelle entre Belphégor et Urbain. Le récit est entouré de références judéo-chrétiennes, dans lequel tout le noyau familial contribue à la création d'une intrigue qui sert d'occasion pour aborder la situation politique actuelle de la Guyane française. À partir de la réflexion sur les identités fragmentées (HALL, 2006) et sur le discours et le colonialisme (CÉSAIRE, 2010), nous présentons dans notre méthodologie une analyse dans la perspective de la littérature comparée basée sur la confrontation du récit romanesque de Stanley avec le récit biblique présenté dans le livre de la Genèse, chapitre 4. Ainsi, dans notre travail, nous systématisons les caractéristiques trouvées dans le récit du premier fratricide de l'humanité, raconté dans l'histoire des fils d'Adam et Eve, Caïn et Abel et les références de la tradition chrétienne qui effleurent le maillage textuel. Ainsi, nos lectures et analyses cherchent à mettre en évidence le parallélisme créé par le roman, à partir de l'intertextualité avec le récit biblique, dans lequel les représentations et les relations entre Caïn et Abel reflètent les discussions entre émancipation et assimilation politique, administrative et culturelle de ce département français si éloigné et diversifié de l'Hexagone.

Mots-clés: Littérature guyanaise. Langue française. L'intertextualité.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar, na prosa guianense, a construção ficcional do mito bíblico de Abel, primeiro fratricídio da humanidade na tradição judaico-cristã relatado no livro de Gênesis. Por isso, entendendo a *Bíblia* como fonte literária, e um dos mais disseminados livros do Ocidente, fonte inesgotável de narrativas que dialogam com diversas tradições literárias, traçamos as primeiras linhas sobre a presença dessas narrativas bíblicas especificamente no romance de Lyne-Marie Stanley, *Abel...*, de 2006, publicado pelas edições Ibis Rouge.

Lyne-Marie Stanley nasceu em 23 de setembro de 1944 em Caiena, segundo o site *Île en île*³, em dossiê preparado pelo professor e pesquisador Thomas C. Spear. Entre suas narrativas encontramos três romances, todos publicados pela editora Ibis Rouge, *La Saison des abattis*, de 1996 [2011], *Mélodie pour l'orchidée*,

3 <http://ile-en-ile.org/stanley/>. A Associação *Île en île* permaneceu 17 anos ligada ao laboratório CUNY (à Lehman College – Bronx), e disponibiliza seus arquivos pelo site *ile-en-ile.org* desde os meses de outubro e novembro de 2015, segundo o informado no próprio site.

de 2001, e *Abel...*, de 2006, sendo ela a primeira mulher guianense a tornar-se romancista. Junto à carreira de escritora, Lyne desenvolveu-se profissionalmente também como assistente social.

Representante da literatura contemporânea da Guiana Francesa, a escritora explora em seu romance *Abel...* o tema da relação fraterna entre os irmãos Belphégor e Urbain. Em nossa leitura, percebemos que a narrativa traz algumas referências judaico-cristãs, em que todo núcleo familiar contribui para a criação de uma intriga que serve como ensejo para a abordagem da atual situação política da Guiana Francesa. A partir da reflexão sobre identidades fragmentadas (HALL, 2006) e sobre discurso e colonialismo (CÉSAIRE, 2010), em nossa metodologia, apresentamos uma análise fundamentada na confrontação da narrativa romanesca de Stanley com os elementos da narrativa bíblica apresentada no livro do Gênesis.

Sistematizamos, assim, em nosso trabalho, as características encontradas na narrativa do primeiro fratricídio da humanidade, na história dos filhos de Adão e Eva, Caim e Abel, cujo segundo nome intitula a obra de Stanley, e as referências da tradição cristã que pincelam a malha textual, destacando, ainda, a análise onomástica das personagens. Para iniciarmos a analítica do romance é premente, portanto, em nosso percurso, a delimitação do contexto no qual o romance se insere enquanto produção literária de expressão francesa das Américas.

Formando junto à Martinica, Guadalupe e Haiti o grupo de literaturas latino-americanas de expressão francesa, a Guiana Francesa, assim como praticamente todo o continente, desde meados do século XX, vive uma fase de fortalecimento de sua identidade e produção literária. Para Catherine Le Pelletier (2014), esta fase de afirmação identitária se iniciaria com as publicações dos romances de René Maran, em 1921, e é precedida por duas outras fases: uma pré-colombiana (petroglifos) e uma fase de colonização (*Atipa*, 1885). Assim, segundo Biringanine Ndagano e Monique Blérald-Ndagano (1999, p. 13-16 *apud* SILVA-REIS, 2021, p. 86-87), os principais fatores que caracterizam a produção dessa fase que Le Pelletier chama de ‘afirmação identitária’ são a criouldade, o reconhecimento de uma identidade negra, desenvolvimento de cronotopo discursivo⁴, representação de cotidiano cultural/social, recorrência temática da relação homem-natureza e presença de personagens típicas guianenses. Amalgamando essas características,

4 Marcadores de referenciais (tempo e espaço) próprios.

em meio à busca por uma expressão que traga para o texto tanto a língua francesa quanto o *créole*, encontramos a obra de Lyne-Marie Stanley.

Publicado em 2006, o romance *Abel...*, ainda segundo Spear (2007/2021), traz um verniz histórico ao abordar uma época relativamente recente, a Guiana dos anos 1975 a 1980, período no qual se iniciam as ações do “[...] *MOGUYDE (le Mouvement guyanais de décolonisation)*, *un mouvement créé en 1974 [...] qui deviendra le MDES (le Mouvement de décolonisation et d’émancipation sociale) toujours actif*”⁵ (SPEAR, 2007/2021, n.p.). No romance, esse movimento é renomeado como *MOGUADE*.

O romance narra a história de uma família de cinco pessoas, das quais dois dos irmãos, como nos faz pensar o título, Urbain e Belpégor, se opõem em temperamento, vida social, ambições profissionais, relação com os pais e posicionamento político. Esses irmãos só não diferem em relação às mulheres: os dois se aproximam da bela Margot. É o amor de Margot que leva ao clímax da narrativa que decide o destino dos irmãos.

Em relação à estrutura narrativa, temos uma narrativa não-linear, contada a partir de *flashbacks*. O primeiro elemento pré-textual é constituído por um poema nacionalista, que louva as belezas naturais da Guiana. O segundo elemento pré-textual é um prólogo que se constitui basicamente como o clímax narrativo. Destarte, a leitora ou leitor passa toda a narrativa aguardando o desfecho, em uma substituição ao clímax representado por esse prólogo. Já em relação aos capítulos, tanto o primeiro quanto o último apresentam um *continuum*, que ata as duas pontas do texto: trata-se da sala de audiências onde Belpégor está sendo julgado e que tem sua entrada bloqueada por um sapo com um cadeado no pescoço.

Presenças incômodas

No prólogo há o argumento que nos conduzirá pela narrativa de *Abel...* e nele já são traçadas as primeiras centelhas de elementos conhecidamente bíblicos: primeiramente, porque o prólogo, tal como o livro de gênesis, dá início ao mundo da narrativa pela referência à luz. A primeira frase deste texto introdutório é “*Debout,*

5 “[...] *MOGUYDE* (o Movimento guianense de decolonização), movimento criado em 1974 [...] que se tornará o *MDES* (Movimento de decolonização e de emancipação social) ainda em atividade”. [Tradução livre].

*l'homme regardait le soleil*⁶ (STANLEY, 2006, p. 11). Portanto, há nessa primeira frase do texto uma referência ao sol, à luz, tal como em Gênesis, em princípio, “Haja luz; e houve luz (BÍBLIA, Gênesis, 1,3)”. Entretanto, diferentemente do Gênesis bíblico em que o início do mundo é construído por um Deus que pelo verbo gera a luz, a narrativa de Stanley começa com a luz representada pelo sol e com o homem que, em seu mundo ficcional, será um dos principais fios condutores para a criação do mundo guianense. Ainda referindo-nos ao livro Gênesis, após a criação da luz, há referência à criação da água, já que “Disse Deus: Haja uma expansão no meio das águas, e haja separação entre águas e águas” (BÍBLIA, Gênesis, 1,6), líquido este que, no prólogo, se materializa e jorra através do humano pelo suor apresentado na frase imediatamente posterior “[...] *la sueur dégoulinait sur sa tempe*”⁷ (STANLEY, 2006, p. 11). Após luz e água, Deus cria a terra e a recheia de verde, pois

[...] disse Deus: ajuntem-se as águas debaixo dos céus num lugar; e apareça a porção seca” e chamou Deus à porção seca Terra; e ao ajuntamento das águas chamou Mares; e viu Deus que era bom. disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie, cuja semente está nela sobre a terra; e assim foi. (BÍBLIA, Gênesis, 1, 9-11).

Ao ver que a separação da terra e das águas era boa, Deus, como narrador do mundo, ao dizer sua palavra que manifesta a existência, pronunciou “produza a terra erva verde” e, com isso, fecundou a terra de verde e cujas sementes produz mais verdes, como a paisagem verde da frase que encerra o parágrafo introdutório do prólogo de Stanley “[...] *le paysage vert qui l'entourait*”⁸ (STANLEY, 2006, p. 11). Diferente do mundo genésico, em que há apenas o divino e a natureza primordial, no gênesis humano de *Abel* nada mais oportuno do que trazer para o começo do mundo narrativo o argumento da falha, do crime, do pecado, característicos da humanidade. Nesta perspectiva, o prólogo desenha a cena de um possível crime dado como resolvido, pois nele há dois homens, o primeiro, em pé com uma arma branca olhava para o sol “*Debout, le sabre à la main, l'homme regardait le soleil*”⁹

6 “Em pé, o homem olhava o sol”. [Tradução livre].

7 “[...] o suor gotejava sobre sua têmpora”. [Tradução livre].

8 “[...] a paisagem verde que o cercava”. [Tradução livre].

9 “Em pé, o sabre na mão, o homem olhava o sol.” [Tradução livre].

e o outro jazia morto em seu próprio sangue no chão, “[...] *par terre, couché en chien de fusil, un autre homme gisait dans son sang*”¹⁰ (STANLEY, 2006, p. 11). Um possível assassinato é desenhado e, para além dos vestígios de um crime, outro símbolo clássico da narrativa judaico-cristã no mundo se manifesta neste mundo ficcional. Além do corpo do homem que olha para o sol e do corpo do homem ensanguentado no chão, aparece, neste prólogo uma serpente, como podemos observar no excerto a seguir:

*Il bougea un peu et donna un coup de pied à une masse colorée presque totalement cachée par le corps de l'homme étendu. C'était un serpent avec des grandes taches de couleurs vives sur la peau, sa tête avait visiblement été tranchée, elle gisait un mètre plus loin.*¹¹ (STANLEY, 2006, p. 11)

Há aqui a finalização do clímax provocado pelo prólogo com a presença de um dos mais emblemáticos símbolos da tradição judaico-cristã: a serpente. Não obstante de todas as narrativas de diversas culturas que têm a serpente como núcleo (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1982, p. 814), ela é apresentada tradicionalmente como a enganadora, a que iludiu Eva e a fez cometer o pecado e isso é atestado, inclusive, pelas palavras de Eva, como podemos observar no diálogo genésico “disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi.” (BÍBLIA, Gênesis, 3,13). Ao incentivar a primeira mulher a comer o fruto proibido do Jardim do Éden, e por tê-la enganado, a serpente é castigada por Deus, pois “então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida” (Gênesis 3:14).

É notório que a predominância de interpretação para a serpente é negativa, ora ela enganadora, ora é a representação do próprio diabo, mas os autores do Dicionário de Símbolos, enfatizam que, em culturas diversas, a serpente pode ser um símbolo de caráter positivo e citam, como exemplo, “o papel inspirador da serpente [que] aparece claramente nos mitos relativos à história e ao culto das duas grandes divindades da poesia, da música, da medicina e, sobretudo, da adivinhação

10 “[...] no chão, deitado em posição fetal, um outro homem jazia em seu sangue.” [Tradução livre].

11 “Ele se mexeu um pouco e chutou uma massa colorida que estava quase completamente escondida pelo corpo do homem estirado. Era uma serpente com grandes manchas de cores vivas na pele e, visivelmente, sua cabeça havia sido cortada, ela jazia um metro mais longe”. [Tradução livre].

– Apolo e Dioniso” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1982, p. 819). Mesmo para a cultura judaico-cristã, podemos encontrar passagens na Bíblia em que a serpente é apresentada com características positivas, como observamos nas palavras de Jesus Cristo que, ao aconselhar seus apóstolos, diz “Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas.” (BÍBLIA, Mateus, 10, 16).

Para a narrativa de Stanley podemos construir algumas possíveis interpretações com essa presença incômoda da serpente, pois a cena pode indicar que um dos homens matou o outro pelos possíveis rastros de um crime que ficam evidenciados por uma ferida ainda encarnada pelo sangue, “*plaie béante*”, uma chaga aberta, feita de um material cortante, muito provavelmente por uma espada semelhante àquela que está na mão de Belphegor, “[...] *une fois la bête déplacée, on put voir la plaie béante sur la poitrine d’Urbain, une plaie faite au sabre.*”¹² (STANLEY, 2006, p. 11). A cena então está montada, qual interpretação é possível para ela? Belphegor realmente foi o responsável pela morte de Urbain? Este será o fio condutor da narrativa e, além de trazer o símbolo da serpente, a enganadora, o prólogo do romance termina com uma frase que instiga nossa curiosidade e perturba nossas ideias, pois ele finaliza da seguinte maneira “[...] *vraisemblablement, Belphegor venait de tuer son frère.*”¹³ (STANLEY, 2006, p. 11). Com essa frase, o prólogo não afirma que a morte de Urbain foi ocasionada por seu irmão Belphegor, já que apresenta a palavra “*vraisemblablement*”, traduzida por provavelmente, por possivelmente. O uso desse advérbio funciona como uma espécie de serpente no texto que pode enganar nossa interpretação ou que, pelo menos, pode atizar nossa interpretação pelos caminhos da dúvida e da desconfiança, para não acreditarmos naquilo que acabamos de ler no texto.

Além da serpente, há outra presença incômoda, outro animal que aparece na malha narrativa e, dessa vez, durante a audiência na qual Belphegor será julgado, como vemos no primeiro capítulo, um sapo impede que as pessoas entrem na sala do tribunal: *La salle du tribunal était noire de monde, pourtant au début, personne n’avait pu y entrer. Un énorme crapaud trônait au milieu de la grande salle, un cadenas dans la gueule*¹⁴ (STANLEY, 2006, p. 13).

12 “Uma vez que o animal foi afastado, podia-se ver a ferida aberta no peito de Urbain. Uma ferida feita por uma espada”. [Tradução livre].

13 “verossimilmente Belphegor acabara de matar seu irmão”. [Tradução livre].

14 “A sala do tribunal estava lotada de gente, porém, no início, ninguém tinha conseguido entrar nela. Um sapo enorme estava no meio do salão, um cadeado na boca”. [Tradução livre].

A simbologia referente à figura do sapo está presente em diversas culturas, segundo Chevalier e Gheerbrant (1982) e a leitura que se faz desse animal não difere muito entre essas diversas culturas. De modo geral, o sapo possui duas linhas de interpretação simbólica coerentes: a primeira, liga-o à questão da água, da umidade, da chuva, enfatizando seu caráter anfíbio e sua sensibilidade às mudanças no ambiente. Por seus hábitos noturnos e seu potencial venenoso, o sapo também pode ser associado à lua, em algumas culturas, assim como à noite e à morte, novamente. Vem destas constatações, além de sua relação com Hécate na mitologia grega, sua associação com a alquimia e a bruxaria durante a Idade Média. Ainda ligado à bruxaria, a presença incômoda do sapo ficcional não pode ter sido evitada por aquele público, ninguém se prontificou para retirá-lo do salão, pois não era apenas um sapo, mas um sapo com um cadeado que atravessava sua boca que, provavelmente, um feitiço lançado na sala do tribunal. Por isso, o sapo pode estar associado a rituais religiosos e mágicos, que se aproveitam de sua energia natural e caráter ambíguo para invocar poderes maléficos.

Dessa forma, para o senso comum, o sapo é quase sempre referência como um animal que traz o mau-agouro e a morte, assim como o gato e a serpente. Entretanto, na *Bíblia*, talvez por se tratar de uma narrativa escrita em zona árida, e semiárida, não há praticamente a presença de sapos; na verdade, estes estão, nesse contexto, relacionados às rãs, e como podemos ver no ‘Livro do Apocalipse’ (BÍBLIA, Apocalipse, 16,13) “[...] da boca do Dragão, da boca da Besta e da boca do falso saíram espíritos impuros que pareciam sapos.”. Os sapos, tanto em língua portuguesa quanto em língua francesa, porém com um maior recuo temporal, também podem significar cadeado, em jargões próprios ao mundo do crime o que o instaura no espaço em que se encontra: a sala de audiências.

Destarte, no que diz respeito ao romance *Abel*, além da referência ao possível encarceramento de Belphégor e considerando nossa proposta de análise, podemos interpretar a presença do sapo no tribunal através de seu caráter ambíguo, amplificando a narrativa em que tantas dualidades se apresentam e se replicam: Abel e Caim, Urbain e Belfégor, França e Guiana, língua francesa e o *créole guyanais*¹⁵, escrita e oralidade, e, assimilação e emancipação.

15 crioulo guianense, em tradução literal.

Maniqueísmo *Urbain* x *Belphegor*: a onomástica nas narrativas de assimilação *versus* emancipação

Após as considerações sobre a presença da serpente no prólogo do romance e do sapo na sala de audiência, partimos, então, para a narrativa mais arcaica em que aparece o nome título do romance, a célebre história de Caim e Abel e o primeiro fratricídio da humanidade. contada no ‘Livro do Gênesis’, capítulo 4, versículos de 1 a 17 (BÍBLIA, Gênesis, 4,1-17), a narrativa bíblica mostra como o agricultor Caim matou o pastor de ovelhas e seu irmão, Abel:

Abel tornou-se pastor de ovelhas, e Caim, agricultor. 3. Passado algum tempo, Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao Senhor. 4 Abel, por sua vez, trouxe as partes gordas das primeiras crias do seu rebanho. O Senhor aceitou com agrado Abel e sua oferta, 5 mas não aceitou Caim e sua oferta. Por isso Caim se enfureceu e o seu rosto se transtornou. 8 Disse, porém, Caim a seu irmão Abel: “Vamos para o campo”. [a] Quando estavam lá, Caim atacou seu irmão Abel e o matou. 9 Então o Senhor perguntou a Caim: “Onde está seu irmão Abel?” Respondeu ele: “Não sei; sou eu o responsável por meu irmão?”

Essa narrativa primordial, além de dar origem a uma outra narrativa muito importante para esta análise, a dos filhos de Noé, fixa dois papéis que conduzirão os paralelismos propostos por nós no romance. Enquanto pastor de ovelhas, Abel é aquele que conduz, e Caim, aquele que extrai da terra seus frutos. No momento de ofertar a Javé o fruto de seu trabalho, Caim é preterido em sua oferta e passa a se sentir humilhado, o que o leva ao assassinio de Abel e o condena a uma vida errante. Os três filhos de Noé representam na mitologia bíblica três povos da Terra: Sem, a Ásia, Cam, a África e Jafé, a Europa e, na narrativa de Lyne-Marie, o casal Berthilde e Medard tem três filhos, porém um deles não aparece efetivamente. Outro ponto de destaque para nossa análise é a maldição de Cam: nos relatos bíblicos, um dos acontecimentos míticos usados por diversos discursos religiosos e políticos dos povos brancos para a existência da escravatura dos povos africanos e ameríndios. Com base nestas referências ao ‘Gênesis’, desdobramos em nossa análise, além das relações entre as narrativas bíblicas e o romance de Stanley, os paralelos interpretativos que nos permitem refletir, no romance Abel, a busca da literatura contemporânea guianense em uma série de paralelismos que opõe Guiana e França, nessa busca por identidade da primeira.

Entendemos que o processo colonizatório feriu continentes inteiros e, com processos de desumanização dos *Outros*, criou feridas que continuam abertas nos países das Américas, veias abertas que sangram com a violência da colonização (GALEANO, 2012). Essas feridas se manifestam pulsantes na política, na economia e no fazer artístico, pois, enquanto os países que geraram as desigualdades nos ensinam a entendê-los como as referências de “civilização”, os países que não o são, precisam ser categorizados como seu oposto nas narrativas de progresso e, portanto, caracterizados como incivilizados, sem ciência, sem cultura e, predominantemente, sem tradição literária. Em sua crítica pontual ao colonialismo, Aimé Césaire atesta que “o fato é que a civilização chamada “europeia”, a civilização “ocidental”, tal como foi moldada por dois séculos de regime burguês, é incapaz de resolver dois principais problemas que sua existência originou: o problema do proletariado e o problema colonial” (CÉSAIRE, 2010, p. 15). Esse problema colonial perdura e se manifesta nas mais variadas formas de arte e, ao mesmo tempo em que há estratégias de manutenção do colonialismo, há estratégias para enfrentá-lo, há resistência. Sempre há resistência ao processo de colonização e essa resistência é transfigurada, na ficção de Stanley, nestas duas personagens específicas, os irmãos *Belphégor* e *Urbain*, apresentados na gênese de seu mundo ficcional pelo prólogo.

Os nomes escolhidos para as personagens atraíram nossa atenção, pois eles se mostraram reveladores de alguns sentidos possíveis. Urbain, por exemplo, é uma palavra oriunda do latim “*urbanus*” e que deriva de “*urbs*”, cidade e, portanto, *urbain* é tudo aquilo relativo à cidade. Não nos passa despercebido também que uma das definições de urbano encontrada nos dicionários¹⁶ é que o adjetivo “urbano” pode ser entendido como aquilo “dotado de urbanidade, afável, civilizado, cortês”. Com vistas as referências bíblicas o nome Urbano, além de ser o nome de uma grande quantidade de papas, também aparece como nome próprio na *Bíblia*, nas ‘Cartas aos Romanos’, capítulo 16, versículo 9: “Saudai a Urbano, nosso cooperador em Cristo”. Para nossa análise, este versículo é muito representativo para a escolha do nome da personagem, uma vez que Urbain é aquele que colabora e promove a assimilação da cultura e política francesa no contexto do romance: “*Urbain se destinait à la politique, il pourrait agir dans ce sens et transmettre ces valeurs, l’avenir de son peuple en dépendait*”¹⁷ (STANLEY, 2006, p. 32).

16 URBANO. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2022, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/urbano>. Acesso em: 12 de out. de 2021.

17 “Urbain se destinava à política, ele poderia agir nesse sentido e transmitir esses valores, o futuro de seu povo dependia disso”. [Tradução livre].

No mundo de Stanley, Urbain é descrito em diversos momentos como a salvação da família, descrito inclusive como o filho dado por Deus como vemos no trecho seguinte “*le Seigneur nous a donné Urbain, il va sauver la famille, c’est notre fierté, notre bénédiction*”¹⁸ (STANLEY, 2006, p. 16). Ora ele é descrito como o destinado para ter acesso à cultura e à educação “*Toi Belphé, sacré bon à rien, vient nettoyer la cour avec moi. Et toi Urbain, va apprendre tes leçons*”¹⁹ (STANLEY, 2006, p. 17), ora é apresentado como representante da política, sendo o líder que o povo precisa: “*Médard avait mis sa confiance et ses espoirs entre les mains de son fils Urbain. Il était le libérateur, le leader que le peuple attendait, le nouveau Justin Catayée*”²⁰. *Son éducation avait été la meilleure*”²¹ (STANLEY, 2006, p. 32).

Em contrapartida, seu irmão Belpégor, diferente das palavras elogiosas endereçadas a seu irmão, sempre recebe palavras que o descrevem como “bon à rien”²² (STANLEY, 2006, p. 17) como uma “croix à supporter”²³ (STANLEY, 2006, p. 16). Em uma conversa sobre seus filhos o casal discute sobre a complexidade de criar Belphé em relação aos outros:

Il ne se passait un seul jour sans que les parents ne parlent de Belphé. Hier soir encore:

– *Je ne sais plus quoi faire de plus, pour cet enfant, j’ai élevé ses deux grands frères sans histoire, lui, le dernier me fait suer!*

– *Tu sais, mon mari, chaque famille a sa croix à porter, cet enfant est la nôtre. Je suis sûre qu’au fond il n’est pas mauvais, mais il ne veut pas être comme tout le monde!*²⁴ (STANLEY, 2006, p. 16).

18 “O Senhor nos deu Urbain, ele salvou a família, é nosso orgulho, nossa benção”. [Tradução livre].

19 “Você Belphé, grande imprestável, venha limpar o quintal comigo. E você Urbain, vá fazer suas lições” – [Tradução livre].

20 Político, fundador do Partido Socialista Guianense.

21 “Médard tinha colocado sua confiança e suas esperanças nas mãos de seu filho Urbain. Ele era o libe-rador, o líder que o povo esperava, o novo Justin Catayée. Sua educação tinha sido a melhor.” [Tradução livre].

22 Imprestando.

23 Cruz a carregar.

24 “Não se passava um só dia sem que os pais não falassem de Belphé. Ontem à noite ainda:

– Eu não sei mais o que mais fazer, para esta criança, eu criei seus dois irmãos maiores sem história, ele, ele me faz suar!

– Você sabe, marido, toda família tem sua cruz para carregar, essa criança é a nossa. Eu estou certa de que no fundo ele não é mau, mas ele não quer ser como todo mundo!” [Tradução livre].

A personagem Belphé é complexa, pois, mesmo sendo um filho descrito como ruim para os estudos, que não sabe se comportar na escola e descrito como uma “cruz a carregar”, na vida adulta ele se torna um homem muito carismático e querido pelo povo:

*Elle n'appréciait pas les déplacements avec Belphé, le populaire. C'était des saluts à tour de bras, embrassade à chaque pas, tel voisin tel ami était heureux de les saluer, une parole amicale, un sourire, ou un éclat de rire joyeux animait ses sorties.*²⁵ (STANLEY, 2006, 33).

Apesar de todos na cidade gostarem de Belphé, considerado popular, ele é o irmão divertido, o *bon vivant* e, em diversos momentos, a relação dos dois irmãos vai se construindo pela recepção diferente do afeto dos pais: enquanto Urbain é motivo de orgulho, Belphé era motivo de desgosto. No que diz respeito ao nome de Belphé, assim como Urbain, este possui um prenome que traz elementos da tradição judaico-cristã. No *Dictionnaire Infernal* do século XIX, há menção ao nome Belphegor no verbete abaixo citado:

Belphegor, démon des découvertes et des inventions ingénieuses. Il prend souvent un corps de jeune femme. Il donne des richesses. Les Moabites, qui l'appelaient Baalphégor, l'adoraient sur le mont Phégor. Des rabbins disent qu'on lui rendait hommage sur la chaise percée, et qu'on lui offrait l'ignoble résidu de la digestion. C'était digne de lui. C'est pour cela que certains doctes ne voient dans Belphegor que le dieu Pet ou Crepilus; d'autres savants soutiennent que c'est Priape. – Selden, cité par Banier, prétend qu'on lui offrait des victimes humaines, dont ses prêtres mangeaient la chair. Wiérus remarque que c'est un démon qui a toujours la bouche ouverte; observation qu'il doit sans doute au nom de Phégor, lequel signifie, selon Leloyer, crevasse ou fendasse, parce qu'on l'adorait quelquefois dans des cavernes, et qu'on lui jetait des offrandes par un soupirail.²⁶ (PLANCY, 1863, p. 89).

25 “Ela não gostava de andar com Belphé, o popular. Eram saudações para todo lado, abraço a cada passo, tal vizinho tal amigo estava feliz em os cumprimentar, uma palavra amigável, um sorriso, ou uma explosão de riso feliz animava as suas saídas”. [Tradução livre].

26 Belphegor, o demônio dos descobrimentos e das invenções engenhosas. Ele frequentemente toma o corpo de uma jovem mulher. Ele dá riquezas. Os moabitas, que o chamavam de Baalphégor, o adoravam no Monte Phlegor. Os rabinos dizem que se lhe prestavam homenagem na cadeira perfurada, e lhe ofereceram o resíduo ignóbil da digestão. Isto foi digno dele. É por isso que alguns estudiosos veem em Belphegor apenas o deus Pet ou Crepilus; outros estudiosos sustentam que se trata de um Priapo. – Selden, citado por Banier, afirma que lhe foram oferecidas vítimas humanas, cuja carne seus padres comeram. Wiérus

Um detalhe interessante em relação ao nome de Belphégor é que antes de ser o demônio da preguiça, Belphégor se chamava Bastial e era um dos anjos mais poderosos do céu, mas que resolveu não cooperar com Lúcifer. Porém, por não ter feito nada para impedi-lo, também foi banido do céu por Deus. Não podemos deixar de notar que as descrições do demônio Belphégor como “engenhoso”, o demônio da “preguiça”, são semelhantes às descrições de Belphé, descrito como “imprestável”, mas que possui a engenhosidade de viver.

Conclusão

Dessa forma, nossas leituras e análises procuraram destacar, de modo sumário, paralelismo criado pelo romance, a partir da intertextualidade com a narrativa bíblica, e como os elementos genésicos se manifestam no mundo ficcional de Abel, em que as representações e relações entre Caim e Abel fazem um espelhamento das discussões entre os dois personagens Urbain e Belphé que simbolizam um maniqueísmo entre aquele que é uma “benção do senhor” e o outro que é a “cruz a carregar” e que, em diversas camadas, espelham também a emancipação e assimilação político, administrativa e cultural desse departamento francês tão distante e diverso do Hexágono, discussão esta que ainda há de ser explorada e ampliada a partir da leitura deste maniqueísmo marcado pelo fratricídio e de como estas relações entre colônias e metrópoles manifestam a importância da pesquisa em literatura de expressão francesa nas Américas para a sua difusão entre estudantes de francês e para o entendimento das conflituosas relações entre Europa e as Américas.

Esses paralelos todos permitem que, em nossas análises, possamos compreender como se constrói na ficção de Stanley, a questão entre a assimilação pela França e a emancipação da Guiana, tema imprescindível para esta nova fase da literatura guianense (LE PELLETIER, 2014). Ao longo da narrativa, as oposições que se formam na ficção borram as fronteiras da definição e não nos permitem definir seguramente quem seria Abel e quem seria Caim nessa composição ficcional da metrópole e da colônia. A resposta vai depender exatamente do lugar do qual se fala e da luta na qual cada um se engaja, do assimilacionismo pela França ou emancipação da Guiana.

observa que ele é um demônio que sempre tem a boca aberta; uma observação que ele sem dúvida deve ao nome Phegor, que significa, segundo Leloyer, fenda ou rachadura, porque às vezes ele era adorado em cavernas, e oferendas eram jogadas para ele através de uma entrada de ar. [Tradução livre].

Dessa forma, para pesquisas futuras, é premente perceber, para além das referências à narrativa genésica, outros contrastes na malha ficcional desde as primeiras páginas do romance, e talvez um dos mais significativos para o que se refere à definição de guianidade, como o uso do *créole* em oposição à língua francesa, e consequentemente, a oposição entre escrita e oralidade, uma vez que o *créole* é uma língua prioritariamente oral e que passou nos últimos anos por um processo de revisão de sua escrita.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA, português brasileiro. *Bíblia sagrada*: edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990, 1584 p.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso Sobre o Colonialismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. *Dictionnaire des symboles: mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Paris: Éditions Robert Laffont et Éditions Jupiter, 1982.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números*. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. 27ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Pd&a, 2006.
- LE PELLETIER, Catherine. *Littérature et Société: La Guyane*. Matoury: Ibis Rouge, 2014.
- PLANCY, Jacques Auguste Simon Collin de. *Dictionnaire Infernal*. Paris: Henri Plon, 1863. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5754923d?rk=21459;2>. Acesso abr 2022.
- SILVA-REIS, Dennys. Sobre a guianidade literária de expressão francesa – prelúdio temático. *Revista Communitas*. v. 5, n. 10, Abril – Junho/2021, p. 79-92.
- SPEAR, Thomas C. Lyne-Marie Stanley. In: *Ile en ile*. Publicado em jul. 2007, atualizado em mai 2021. n.p. Disponível em <http://ile-en-ile.org/stanley/>. Acesso em ago 2021.
- STANLEY, Lyne-Marie. *Abel...*. Caiena: Ibis Rouge, 2016.
- URBANO. In: *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2022, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/urbano>. Acesso em: 12 de out. de 2021.